

Um Corpo Coletivo: a Generosidade Poética em Nádia Gobar

*A collective body: poetic generosity
in Nádia Gobar*

DORIEDSON BEZERRA ROQUE* & PAULO EMÍLIO MACEDO PINTO**

Artigo completo submetido a 26 de janeiro e aprovado a 31 de janeiro de 2014

*Brasil, Fotógrafo, multiartista e mediador cultural. Licenciado em Pedagogia pela Faculdade Decisão (FADE); Bacharel em Fotografia pela Associação de Ensino Superior de Olinda (AESO); Especialista em Arte Educação pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

AFILIAÇÃO: Laboratório dos Sentidos, Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual (APECV). R. Padre António Vieira, 76. 4300-030 Porto, Portugal. E-mail: doriedsonroque@gmail.com

**Brasil, Poeta, ator e multiartista. Licenciado em Artes Plásticas pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Graduado em Psicologia (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR); Especialista em Arteterapia pelas Faculdades Integradas de Vitória de Santo Antão (FAINTVISA), em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em Terapia Familiar pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Mestre em Psicologia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

AFILIAÇÃO: Arteterapeuta do Laboratório dos Sentidos, Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual (APECV). R. Padre António Vieira, 76, 4300-030 Porto, Portugal. E-mail: emiliomapin@gmail.com

Resumo: “Um corpo coletivo”, é assim que vemos a performer Nádia Gobar, e aqui queremos mostrar um pouco do todo que faz desta mulher comum, uma artista incomum. Neste recorte, apresentamos a generosidade de sua entrega ao coletivo de criação “Tuia de Artíficios”; o que pensa e sente sobre suas ações em grupo; como (se) vê (n)aquilo que faz; e que mensagens revelam as visualidades de seu trabalho.

Palavras chave: Foto/Performance / Corpo coletivo / Nádia Gobar / Coletivo “Tuia de Artíficios” / Poética.

Abstract: “A collective body” is how we see the performer Nadia Gobar, and here we want to show a bit of the whole that makes this ordinary woman, an unusual artist. In this research, we present the generosity of its delivery to the collective creation “Tuia de Artíficios”, what she thinks and feels about your actions, as a group, as we see, and visualities that his work reveals.

Keywords: Photo-performance / Collective body / Nadia Gobar / Collective “Tuia de Artíficios” / Poetics.

1. Um corpo coletivo...

O “Tuia de Artíficios” é um coletivo de criação do Nordeste do Brasil (Recife, Pernambuco) que explora as várias linguagens da arte como forma de representação. Tendo formação recente, começou a mostrar sua cara em 2010, quando foi selecionado pelo SPA das Artes e pelo Salão Único de Artes, eventos nacionais realizados na mesma região onde o grupo nasceu. A performance e a foto/performance são as ações estéticas que o grupo mais comumente explora. Composto por amigos artistas de áreas diversas, que pensam e desenvolvem em conjunto as intervenções criativas, destacam em muito de seus trabalhos a generosidade de uma das participantes, Nádia Gobar. Espécie de musa inspiradora para as provocações poéticas do grupo, a performer empresta seu corpo para as composições que são concebidas e encarnadas pelo (in)consciente coletivo criativo.

2. Um corpo histórico...

Sem medo de se expor Nádia Gobar, incorpora a mensagem viva do coletivo, deixando-se guiar pela orientação do imaginário grupal como uma personagem fictícia que povoa o ideário de todos (Figura 1, Figura 2, Figura 3, Figura 4, Figura 5, Figura 6, Figura 7). Despindo-se de seus medos, a artista revela a alma do grupo através de um corpo performático que anuncia a liberdade estética para além dos padrões sociais impostos pela mídia, refletindo espelhos da condição humana. Uma mulher comum, uma artista incomum, é esta Nádia Gobar, performer que generosamente se entrega ao “Tuia de Artíficios” ajudando a compor imagens que revelam mensagens poéticas sobre a condição humana, fazendo(-se) história na região.

“As mulheres artistas foram apagadas da História da Arte do século XIX no Brasil e só a partir do Modernismo é que mulheres passaram a ter visibilidade”



Figuras 1 e 2 · Imagens da exposição
"Eu sou aquilo que perdi", Coletivo Tuia
de Artíficos, Pernambuco, 2010.

(Barbosa, 2010). Ainda hoje, no país, são os homens artistas mais lembrados que as mulheres artistas. Isso acontece principalmente nas localidades não contempladas pelo eixo Rio de Janeiro — São Paulo, revelando que a construção histórica e artística traz ainda em si uma tendência linear, machista, preconceituosa e centralizada. Interessam-nos aqui dar voz e corpo aos "pouco lembrados", ou os que não se importam em serem lembrados, mas que fazem sua arte com o tempo e o espaço que têm em mãos. A despreensão nominal destes artistas talvez diga mais que a pretensão rotular de outros.

Pierre Cabanne (1987), ao se referir sobre Marcel Duchamp, disse que a grande obra do artista era o emprego do tempo. Refletindo sobre a performer Nádía Gobar, dizemos que sua obra é não se preocupar com o tempo, nem muito menos com o espaço, ou com a exposição de seu corpo. Em seu corpo vemos e temos as mudanças provocadas pelo tempo. Um corpo que se desloca entre paisagens naturais e urbanas, que retrata a natureza humana como sua obra principal. Nádía Gobar é puro sentido de coletividade, em contraposição aos individualismos. Contradição porque bem sabemos que na vida e na arte não é fácil pensar coletividade e assumir esta condição, pelos determinantes de uma sociedade capitalista, neoliberal e individualista, que aposta na roleta russa dos egos inflados de criadores auto (e hetero) denominados (semi) deuses.



Figura 3 · Foto/performance "Paisagem Urbana",
Coletivo Tuia de Artíficos, Pernambuco, 2013.
Figuras 4, 5, 6 e 7 · Foto/performance "Paisagem
Rural", Coletivo Tuia de Artíficos, Ceará, 2009.

3. Um corpo *Kairós*...

A obra de Nádía Gobar é coletiva como o corpo dela é coletivo. Não dizemos isso porque ela é membro do "Tuia de Artíficos" (coletivo de criação formado por cinco artistas do Nordeste brasileiro, que trabalha com diversas linguagens), mas porque é a encarnação da dádiva ao seu grupo. É uma artista que se entrega a cada trabalho como se fizesse uma oferenda para o Tuia e para quem quiser recebê-la. Quando um exercício poético se finda, desprende-se logo dele, tornado-se disponível para outro sem medidas.

O projeto artístico de Nádía Gobar é apresentar-se corporalmente espontânea, mutável, diversa, etc. A artista situa-se no limite dualístico da vida, rompendo com a pressa linear do tempo *Chronos*; assumindo no corpo o *Kairós*, como a experiência do momento oportuno, de (re)encontro com o eu e o outro; tatuando em si uma assertiva de Merleau-Ponty (2006): "À medida que retomamos o contato com o corpo e com o mundo, reencontramo-nos".

Nascida numa das cidades do Brasil onde a violência contra a mulher assume índices alarmantes, Nádía Gobar, 50 anos, trabalhadora desempregada, mãe, separada, vive o avesso do que se espera de uma mulher de sua idade, condição e região. Fazendo-se artista que usa seu próprio corpo como suporte de sua arte, dando cara e corpo à tapa, a crítica social, pouco se importa com os olhares de fora/dentro. Faz o que melhor sabe fazer: viver; e o que melhor sabe ser: artista.

Nádía Gobar é liberalidade em pessoa (topa quase tudo), se arriscando performaticamente como percurso de um corpo que se desenha através do ideário coletivo. Revelando-se nua, renasce em cada foto/performance, mas ver-se enquanto imagem pode ser um parto mais complicado do que se desnudar. Sua nudez "não padronizada, não desejada" incomoda, os outros e às vezes a ela mesma, mas a artista vive sem se dar conta de que está vivenciando outros tempos e espaços, outra liberdade que para ela ainda não tem nome. Ao realizar estes exercícios de criação poética conecta-se com o que há de mais verdadeiro em si, a vontade de ser como é sem máscaras.

4. Um corpo sem rosto...

O artifício da máscara, do pano ou do simplesmente desviar o rosto para não mostrar-se "plenamente" está associado ao desejo de abertura para o mundo, fazendo com que seu corpo seja o espelho de qualquer outra mulher que se reconheça nele, ou que se motive como ela a ser um ser desejante de vida e libertação.

O artista nunca está no centro de si mesmo, está sempre fora de si, rodeado pela miséria empírica do mundo e pelo mundo que deve realizar e revelar pela



Figura 8 · Foto/performance “Paisagem Rural”, Coletivo
Tuia de Artíficos, Rio Grande do Norte, 2011.

obra. Sempre duvidará dos resultados, interrogando o mundo, a si mesmo, e a seu trabalho (Chauí, 1994).

A artista não é a primeira, nem a última a usar seu corpo como obra. Na segunda metade do século XX o corpo foi focalizado em happenings, ações, performances, experiências sensoriais, fragmentos orgânicos, o que afirmaria a noção de um corpo literal como singularidade da arte contemporânea. Num primeiro momento, a arte moderna subverteu a tradição do nu, através da fragmentação e deformação do corpo; num segundo essa crise é ainda mais acentuada uma vez que a matéria, a animalidade e crueza passaram a ser explorada (Matesco, 2009).

Ao olhar as imagens da performer Nádia Gobar o observador confronta-se com os limites da representação. Entre os anos 60 e 90 do século passado, o corpo impregnou-se de problemas a serem investigados visualmente como representação na arte. Hoje o problema surge da criação frente a conflitos e crises subjetivas/coletivas, daquilo que está em nós e que devolvemos ao mundo (Figura 8).

Ao esconder o rosto, a artista revela mais que o corpo, que a carne, revela as mulheres que se escondem na sua história e geografia. Sua alma é capturada pelo congelamento do passado, tornando-se perene. Sem rosto a artista pode e não existir enquanto mulher. A necessidade de se reinventar, fez com que Nádia Gobar aportasse no Tuia de Artíficos.

O que chamou minha atenção e me fez querer fazer parte do Coletivo foi seu objetivo: criar utilizando diversas linguagens da arte. No Tuia me vejo sendo eu mesma, sem máscaras. Dispo-me de tudo para ser inteira. Sinto-me à vontade para realizar o que for proposto, porque existe um laço de confiança entre nós. Para mim, é tranquilo ver as imagens. Às vezes sinto certo estranhamento, outras, rio de mim mesma. Gosto de ficar observando a reação das pessoas, quando em alguma exposição. Fico de longe guardando na memória a reação das pessoas, principalmente quando elas ficam paradas um bom tempo olhando para alguma imagem. Gosto também de me esconder para que não me reconheçam. No início, cobria o rosto para preservar minha identidade, para me manter íntegra. Agora, cobrir ou não, não importa mais, porque cheguei à conclusão de que faço porque gosto, acho bonito, não me desabona em nada e isso não tira a minha integridade. Pelo contrário, me deixa bem, feliz. Hoje faria sem problemas qualquer trabalho revelando o rosto, afinal é arte e é também poesia. No coletivo eu quero contribuir mais com a função da arte, que pra mim é espalhar poesia (ou não) através do meu corpo (Depoimento de Nádia Gobar).

Um corpo (fr)ágil...

O testemunho da artista aponta para a verdade corpórea onipresente. “No decorrer do século XX e até hoje o corpo foi deixando de ser uma representação, um mero conteúdo das artes, para ir se tornado cada vez mais uma questão, um problema que a arte vem explorando sob uma multiplicidade de aspectos e dimensões” (Santaella, 2004, p. 65).

O corpo de Nádia Gobar é uma fonte a ser revisitada, não se esgota fácil, porque ela é uma artista que cria e vive num tempo em que criar e viver não basta. Seu destino é o esboço de percursos, nunca chegados. Quanto mais conhecemos o fazer artístico de Nádia Gobar menos o abarcamos, é um corpo desapegado, cheio de intenções e provocações visuais. Um corpo denso, que transborda fragilidades e vulnerabilidades sociais.

Referências

- Barbosa, Ana Mae (2010) *Uma Questão de Política Cultural: Mulheres artistas, artesãs, designers e arte/educadoras*. 19º ANPAP, Cachoeira. Bahia/Brasil.
- Cabanne, Pierre (1987) *Marcel Duchamp: engenheiro do tempo perdido*. São Paulo: Perspectiva.
- Chauí, Marilena (1994) *Merleau-Ponty: obra de arte e filosofia*. In: Novaes, A.(org.)
- Artepensamento. São Paulo: Companhia das Letras.
- Matesco, Viviane (2009) *Corpo, imagem e representação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Merleau-Ponty, M (2006) *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes.
- Santaella, Lúcia (2004) *Corpo e comunicação*. São Paulo: Paulus.